

RESUMOS E ATIVIDADES PROPOSTAS

1.

PRIMEIRO VEIO O NOME, DEPOIS UMA TERRA CHAMADA BRASIL

Quem foram os ameríndios que povoaram o Brasil quando ele ainda não se chamava assim? Por outro lado, quem foram os tripulantes da frota de nove naus e três caravelas que nos “descobriram” em 1500? O primeiro capítulo do livro aborda essas duas questões fundamentais sobre a gênese colonial do país.

Cinco séculos atrás, a região atlântica do Brasil era dominada pelos povos Tupi-Guarani. Nos sertões desconhecidos de floresta, caatinga e cerrado, habitavam os Tapuia — nome pejorativo dado pelos índios da costa aos provenientes do interior, e adotado pelos portugueses. Tupi ou Tapuia, a invasão europeia foi uma catástrofe de terríveis proporções aos nativos da Terra de Santa Cruz. Os contatos amigáveis iniciais entre brancos e índios logo se converteram em guerras de ocupação e resistência. Coletores, caçadores e agricultores, não raro antropófagos, os povos indígenas foram obrigados a abandonar suas crenças e costumes milenares e a trabalhar como escravos, tudo ao alcance da colonização. As únicas alternativas eram a morte ou a fuga para o sertão. Começava o genocídio que reduziu os vários milhões de índios da era pré-cabralina aos atuais 800 mil, por fome, doenças e extermínios físicos e culturais diversos.

Quando aportaram por estas bandas, os portugueses protagonistas dessa história de conquista violenta viviam em outros tempos e praticavam uma ciência diferente. Embora a náutica lusitana fosse a mais avançada no seu



1.1. “América”,
gravura colorida à mão
reproduzida no Grande
Atlas de Johannes Blaeu,
1662.*

contexto, ainda se acreditava na existência de monstros marinhos e seres mitológicos como as amazonas e os centauros. Os colonizadores oficiais eram súditos fiéis a serviço da glória do rei e católicos que obedeciam ao papa: fidalgos, navegadores e exploradores profissionais, padres e comerciantes (muitos dos quais judeus e cristãos-novos). Mas também condenados, fugiti-

* As legendas interpretativas das autoras estão no final deste capítulo.

vos, perseguidos e aventureiros de várias extrações para cá foram exilados ou vieram tentar uma vida melhor. As visões desses primeiros europeus sobre a Terra de Santa Cruz, sua natureza e suas gentes se alternavam entre o fascínio e o horror, o paraíso e o inferno. Os nomes também se alteraram: Terra de Santa Cruz, em homenagem à primeira missa realizada no local, era o termo selecionado pela Igreja; já Brasil — que vinha da rica madeira com seiva vermelha, além de se associar ao diabo — era o preferido dos comerciantes. Ganhou, ao menos nessa circunstância, o nome do mercado.

Nas primeiras décadas do século XVI, a empresa colonial na América do Sul, subcontinente partilhado com a Coroa espanhola através do Tratado de Tordesilhas (1494), ainda não recebia muita atenção do Estado português — mais interessado nos lucros fáceis do comércio oriental de especiarias. Portugal se dedicava nestas paragens sobretudo à extração costeira de pau-brasil, madeira de extrato corante que originou seu nome definitivo ao futuro país. No âmbito administrativo, em 1534, a porção lusa da América do Sul foi dividida em capitânicas hereditárias vagamente demarcadas a partir do litoral e concedidas a membros da nobreza, que ficaram responsáveis por sua exploração econômica em regime de monopólio.

ATIVIDADES PROPOSTAS

1. Com base na leitura do início do subcapítulo “Das vicissitudes de um mundo novo, novo” (pp. 21-33), proponha aos alunos as seguintes atividades de caráter transdisciplinar:
 - a. Considerando a atualidade, pesquisar de que modo as nações mais ricas conseguem se expandir economicamente. Em seguida, fazer uma comparação entre os processos atuais de expansão do comércio internacional e aqueles realizados por Portugal no século XVI;
 - b. A partir da leitura e da pesquisa, discutir em grupo a seguinte questão: o Brasil teria condições de se expandir comercialmente no atual cenário econômico internacional?;
 - c. Para concluir a discussão, elaborar, em dupla, um texto dissertativo com o título “O Brasil sofre de um ‘mal de Sísifo’?”.
2. Realize a leitura compartilhada e comentada do subcapítulo “Paraíso ou inferno: a natureza e os naturais nos relatos seiscentistas” (pp. 33-40) e analise, com os alunos, as imagens a seguir (imagens 8, 10 e 11 do livro). Depois, proponha a realização de uma exposição artística sobre os povos indígenas do Brasil contemporâneo, que tenha como tema central o combate ao preconceito contra os índios. Para isso, os alunos precisam se dividir em grupos. Na preparação da exposição, cada grupo deve obedecer aos seguintes passos:



1.2. Imagem do *Novo Mundo*, xilogravura aquarelada à mão de Johann Froschauer, c. 1505, publicada em *Mundus Novus*, de Américo Vespúcio.



1.3. Gravura retirada do livro *Duas viagens ao Brasil*, de Hans Staden, publicado por Andres Colben, Marburgo, 1557.



1.4. *Mulheres e crianças da tribo tomam mingau feito com as tripas do prisioneiro sacrificado*, Théodore de Bry, 1592.

- a. Pesquisar uma etnia indígena na atualidade;
- b. Elaborar um trabalho artístico (técnica livre) que represente dois aspectos previamente discutidos com os(as) professores(as) de história e sociologia:
 - o preconceito a partir da visão negativa dos europeus no encontro com os indígenas no século XVI;

- a visão que os povos indígenas têm de si mesmos na atualidade, a partir da pesquisa realizada.
 - c. Transmitir, no trabalho artístico elaborado, uma mensagem de combate ao preconceito contra os indígenas.
3. Solicite aos alunos a produção de um artigo de opinião em que reflitam sobre as várias maneiras como os povos indígenas nativos do Brasil foram dizimados durante o século XVI e as condições de vida das populações indígenas nos dias de hoje. Para embasar a atividade, os alunos devem:
- a. Ler o subcapítulo “Uma parcela da humanidade a ser catequizada ou escravizada” (pp. 40-3) e analisar a imagem 1.1. (imagem 13 do livro);
 - b. Ouvir e analisar a canção “Promessas do sol”, de Fernando Brant e Milton Nascimento;
 - c. Pesquisar o conceito de etnocídio.

Os textos produzidos deverão ser lidos nas diversas turmas e expostos nos corredores da escola.

4. Solicite aos alunos, distribuídos em grupos, uma pesquisa sobre os antropólogos citados na parte “Muito antes de Cabral” (pp. 43-9), cujo trabalho foi realizado com os povos indígenas sul-americanos. Cada grupo deverá pesquisar a obra de um deles:
- a. Curt Nimuendajú;
 - b. Claude Lévi-Strauss;
 - c. Eduardo Viveiros de Castro;
 - d. Philippe Descola;
 - e. Davi Kopenawa e Bruce Albert.

Em seguida, forme uma roda para apresentação das pesquisas pelos grupos e proponha uma discussão sobre a contribuição da antropologia para a compreensão do que é ser índio.

5. Solicite aos alunos a leitura do excerto abaixo (pp. 47-8):

Os bandeirantes ficaram tão conhecidos na historiografia nacional que sua imagem, devidamente alterada, seria usada pelos paulistas, no começo do século XX, como um símbolo do “espírito aventureiro e intrépido da região”. Seriam exaltadas, então, só suas benesses, e eles, descritos como destemidos exploradores do “perigoso sertão” e de suas riquezas minerais. Já a violência inerente à atividade, bem como a empresa de aprisionamento de indígenas, permaneceria esquecida. O fato é que o círculo vicioso montado nos idos dos séculos XVI e XVII era dos mais perversos: a escassez de mão de obra nativa levava à intensificação e interiorização de expedições, que

faziam novos escravos e expunham as populações indígenas a grande mortandade, por conta tanto das armas como das epidemias.

Em seguida, peça a eles que realizem as seguintes atividades:

- a. Pesquisar quem foram os principais bandeirantes e apresentar os dados biográficos de cada um deles;
- b. Descobrir se na cidade e/ou no estado onde moram há ruas, avenidas e monumentos que homenageiam esses personagens históricos;
- c. Verificar em que momento histórico essas homenagens foram feitas e se houve menção à violência contra os indígenas.

LEGENDAS INTERPRETATIVAS DAS AUTORAS

1.1. A descoberta do Novo Mundo de fato inundou o imaginário europeu, dividido entre o éden e o inferno. Como os nativos americanos não legaram registros impressos, as representações a que temos acesso são europeias, pautadas por convenções ocidentais. Lugar para a projeção alheia, a América concentrou estereótipos de indígenas decaídos, mas também edenizados, e tendeu a misturar tudo: alegorias clássicas, animais fantásticos e indígenas escravizados.

1.2. A América pré-cabralina era habitada por uma enorme variedade de grupos indígenas, que se distinguiam sobretudo pelos troncos linguísticos e por suas culturas. Mas os europeus transformaram o diferente em “falta”. Exemplo disso foram as representações visuais da época. Num momento em que era melhor “ouvir dizer do que ver”, vingou a imaginação, com os índios apresentados como guerreiros e bárbaros devoradores de humanos. Ao fundo, naves portuguesas vêm trazendo a “civilização” europeia.

1.3. Durante dez longos meses, Hans Staden permaneceu como refém numa aldeia tupinambá. Lá, dedicou-se a não ser comido e a compreender o significado cultural dos rituais antropofágicos. A ilustração destaca a bravura dos prisioneiros que tanto impressionou o viajante. Antes de ser morto, o corajoso guerreiro, digno de ser devorado, insultava seus algozes e gritava que seria vingado pelos membros de sua tribo. Esse era o princípio da antropofagia, que, mais que um costume alimentar, constituía uma prática ritual de troca entre iguais.

1.4. Théodore de Bry — um ourives, gravurista e propagandista huguenote que jamais pisou na América — transformou-se no mais famoso gravurista de sua época. Especializado em retratar, com muita imaginação, os costumes das terras distantes, ilustrou o volume escrito por Jean de Léry sobre o Brasil. Porém, diferentemente do viajante, destacou o canibalismo das populações dessas terras figurando mulheres gulosas, a lamber os dedos. Representou-as como as bruxas da convenção pictórica ocidental — por vezes velhas de peitos caídos, por vezes moças luxuriosas que lideravam o ritual. A imagem lembra um banquete, mas as analogias vinculavam a prática ao inferno.